

“Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?: o processo de mapeamento do futebol de mulheres em São Paulo

**“But are there female amateur football teams?:
the process of mapping women's football in São Paulo**

Aira Bonfim

Repertório Cultural, São Paulo/SP, Brasil
Mestre em História, Política e Bens Culturais, FGV/RJ
E-mail: airafbonfim@gmail.com

Alberto Luiz dos Santos

Prefeitura Municipal de Valinhos, Valinhos/SP, Brasil
Doutor em Geografia, USP

Enrico Spaggiari

Instituto Ludopédio, São Paulo/SP, Brasil
Doutor em Antropologia Social, USP

RESUMO: Este artigo sumariza dados de pesquisa do projeto de extensão “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?”: cartografia do futebol varzeano de mulheres em São Paulo/SP, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) ao longo de 2022 e que buscou articular ensino, pesquisa e extensão. Objetivou-se mapear equipes de futebol de várzea de mulheres na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e traçar um perfil social da composição dos times mapeados. Foram localizadas 95 equipes a partir de um trabalho multidisciplinar e engajado, que contou com oficinas regulares durante 6 meses. Espera-se que este trabalho possibilite a inferência e reflexão sobre demandas e questões (atuais e futuras) associadas às práticas populares, esportivas e culturais das mulheres futebolistas da RMSP, bem como estimule a elaboração de novos projetos participativos (coletivos e compartilhados) com as equipes varzeanas paulistanas.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Futebol de várzea; Mapeamento; São Paulo.

ABSTRACT: This article summarizes research data from the extension project “But are there female varzea football teams?”: cartography of women's varzea football in São Paulo/SP, carried out at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP) throughout 2022 and which sought to combine teaching, research and extension. The objective was to map women's lowland football teams in the Metropolitan Region of São Paulo (RMSP) and draw a social profile of the composition of the mapped teams. 95 teams were located through multidisciplinary and engaged work, which included regular workshops for 6 months. It is expected that this work will enable inference and reflection on demands and issues (current and future) associated with the popular, sporting and cultural practices of women footballers in the Metropolitan Region of São Paulo (RMSP), as well as stimulating the development of new participatory projects (collective and shared) with Varzeana teams from São Paulo.

KEYWORDS: Women football; Amateur football; Mapping; São Paulo.

INTRODUÇÃO

15 de novembro de 2021, feriado nacional. No Complexo Esportivo do Campo de Marte, no bairro da Casa Verde, próximo à Marginal Tietê, na zona norte da cidade de São Paulo, em meio à retomada de algumas atividades presenciais após um longo hiato por conta da pandemia de Covid-19, foi organizada a segunda edição do Maior Festival Feminino de Várzea do Mundo. Mesmo sem dispor de grandes recursos financeiros, o evento reuniu, ao longo de um dia, milhares de atletas e entusiastas do futebol feminino de diversas regiões da cidade e demais municípios da RMSP.¹ Entre as equipes, vale destacar a presença de duas equipes indígenas de aldeias paulistanas, bem como de imigrantes bolivianas também residentes em São Paulo. Ao longo do evento, mulheres atuantes dentro do universo varzeano foram homenageadas, todas as equipes receberam troféus de participação e o encerramento do festival contou com a presença de sambistas e cantoras do grupo de samba-rock Clube do Balanço, artistas forjadas nos encontros promovidos pelo Cruz da Esperança, uma das agremiações esportivas e culturais do local.

O evento, que teve grande visibilidade midiática, com cobertura local de diversos veículos de imprensa (Band Esportes, Globo Esportes e Profissão Repórter, também da Rede Globo), foi desdobramento de antecedentes recentes, mas que carregam engajamentos e resistências de pessoas e grupos ligados a uma prática que, a partir da articulação de redes de relações envolvendo atletas e equipes, vem se consolidando há algumas décadas. O “maior festival de várzea feminino do país” foi idealizado pela Liga Feminina de Futebol Amador, cuja fundação e trajetória revelam dinâmicas e agenciamentos interessantes para compreender, de forma ampla, a cultura esportiva popular na metrópole e região metropolitana de São Paulo/SP.

Em 2016, cerca de sete times de futebol de mulheres da região de Parelheiros, extremo da zona Sul de São Paulo, organizaram um torneio de futebol varzeano feminino que reuniu dez equipes, inclusive de bairros vizinhos, como

¹ O festival recebeu patrocínios de comércios e parceiros locais – com destaque ao aporte dos deputados federais Leci Brandão e Orlando Silva (ambos do PC do B) –, além de contar com os lucros gerados com as vendas nos bares e lanchonetes de cada um dos seis campos do Complexo Esportivo.

Capão Redondo, Jardim Ibirapuera e Jardim Ângela. Com duração de dois meses e disputado em forma de “mata-mata”, o campeonato foi vencido pelo time de mulheres do Apache E.C., criado no mesmo ano e ligado à agremiação varzeana de homens, de mesmo nome, fundada em 2014. As jogadoras do Apache, após esta primeira competição, passaram a disputar outros torneios (Libertadores da Várzea, Copa Delfino Santos, COPA da Paz, Copa Nenhuma a Menos, Copa BNH e a 1ª Copa da LIGA). Uma de suas lideranças, Maria Amorim, educadora social, jogadora e dirigente da equipe do Apache, ao constatar que não havia ainda qualquer iniciativa de centralização do calendário de jogos e torneios no cenário do futebol varzeano de mulheres, decidiu reunir informações e contatos de times – novos e antigos – da RMSP, tanto a partir dos dados de torneios anteriores, quanto por meio de pesquisas em redes sociais.

Assim, foi criada a Liga Feminina de Futebol Amador, cuja articulação e crescimento se deram de forma orgânica, no “boca a boca”, de rede em rede social, relacionando mulheres varzeanas de diferentes lugares da metrópole através do WhatsApp. Por meio do Ginga F. C, marca que realiza iniciativas sociais esportivas, a “Liga da Maria” teve contato com Aline Pellegrino, ex-jogadora da seleção brasileira de futebol e à época coordenadora de futebol feminino da Federação Paulista de Futebol (FPF), levando ao reconhecimento da Liga pelo maior órgão de representatividade do futebol paulista.

Em 2019, poucos anos após sua criação, a Liga já somava mais de 100 agremiações, com um conjunto expressivo localizado nos bairros da zona sul de São Paulo. Abrangência que estimulou a organização de um festival esportivo – modalidade tradicional do cenário varzeano – só com equipes de mulheres.² Em conjunto com os dirigentes das agremiações responsáveis pelos seis campos de futebol do Complexo Esportivo do Campo de Marte, foi organizada a primeira edição

² Os festivais esportivos, observados em São Paulo/SP e outras cidades brasileiras (Ribeiro, 2021), eram e seguem sendo práticas esportivas e culturais centrais na organização dos clubes varzeanos, mobilizando diversos atores sociais ao longo de um final de semana, principalmente para comemorar aniversários da agremiação organizadora, e em paralelo ao calendário anual de torneios e campeonatos. A celebração é marcada por formas rituais, elementos simbólicos e relações de reciprocidade que dão continuidade a tradições cerimoniais de outras esferas da cultura popular. Nesse modelo, diversas partidas são realizadas em um final de semana (ou somente um dos dias, sábado ou domingo), reunindo equipes de diferentes categorias e faixas etárias dos clubes. Cada partida encerra em si uma disputa específica entre duas equipes, valendo um troféu.

do Festival, disputada simultaneamente nos seis campos do local, entre as 07h00 e as 18h00, com a realização de 36 partidas envolvendo 72 equipes varzeanas da RMSP e aproximadamente 800 jogadoras.³ Além das quatro regiões do município e RMSP, compareceram times do litoral paulista, Rio de Janeiro e do Paraguai, divididos em diferentes categorias (sub-13, sub-17 e categoria livre, de 18 a 40 anos).

A primeira edição do festival não contou com patrocínios e todos os custos relativos ao evento (arbitragem, água e troféus) foram repartidos entre os dirigentes das agremiações mantenedoras dos seis campos. Mesmo assim, o sucesso do festival não só estimulou a realização de novas edições nos anos seguintes, como também conferiu prestígio ao Campo de Marte e à Liga Feminina, que no início de 2020 foi convidada a participar e representar a várzea no 1º Programa de Liderança Feminina no Futebol. O evento produzido pela FPF – que contou com a participação de 35 mulheres que trabalham em clubes, influenciadoras, dirigentes, professoras e historiadoras – integrou ações especiais desenvolvidas pela entidade com objetivo conectar mulheres que já atuam no futebol, capacitando-as para posições de liderança. Ainda em 2020, com a interrupção das dinâmicas futebolísticas na cidade em razão da pandemia de Covid-19, a Liga experimentou as ferramentas disponíveis e em evidência naquele período. O perfil de Instagram da Liga passou a entrevistar personalidades representativas da história do futebol de mulheres no Brasil. Foram, no total, 27 convidadas, entre ex-jogadoras pioneiras da seleção brasileira de futebol, pesquisadoras da área, jogadoras em atividade e mulheres varzeanas.⁴

³ O Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte, mantido pela Associação de Clubes Mantenedores da Área de Esportes, Lazer e Cultura do Campo de Marte, é uma área localizada no bairro da Casa Verde, na zona norte do município, porém não muito distante do centro antigo de São Paulo, e o último a abrigar seis campos de futebol de várzea, cada um deles administrado por uma agremiação diferente. Além das atividades esportistas, os clubes realizam eventos e promovem atividades culturais (bailes, rodas de samba) nas áreas de sociabilidade do Complexo Esportivo, reunindo semanalmente cerca de 5 mil pessoas. Atualmente, os campos ocupam um trecho de um terreno que pertence à Aeronáutica e abrigam diversos outros equipamentos ligados à instituição. O projeto de construção de um parque público, em meio aos conflitos entre diferentes agentes públicos e privados envolvidos na disputa fundiária entre a União e a Prefeitura de São Paulo desde a década de 1930, levou as agremiações a se reunirem em uma associação para defender a permanência dos campos e das práticas varzeanas com a transformação do Complexo Esportivo Campo de Marte em um Clube Desportivo da Comunidade (CDC).

⁴ Os dados sobre datas, horários, quantidade de participantes das competições organizadas pela Liga foram obtidas junto a representantes da mesma, que participaram do projeto de extensão tratado por esse artigo.

A narrativa acima, centrada da trajetória e atuação da Liga Feminina de Futebol Amador, levanta questões importantes para compreender os modos de vida urbanos relacionados a uma das atividades de associativismo esportivo e de lazer mais duradouras desde o final do século XIX e que continua a mobilizar agrupamentos coletivos – as agremiações varzeanas – de caráter popular e grande representatividade que estabelecem complexas articulações com diversas instâncias do cenário esportivo, político, social e cultural das cidades brasileiras.⁵

No campo acadêmico, destaca-se a crescente e diversificada bibliografia voltada ao futebol de várzea – e aos futebóis, em sentido amplo –, mobilizando questões singulares para explorar diferentes recortes, temas e contextos.⁶ Sobre o futebol de mulheres, especificamente, é possível perceber que houve, nas duas últimas décadas, um aumento significativo de estudos e pesquisas, com diferentes temas e abordagens, estimuladas pelas leituras de gênero e discussões sobre outros marcadores (sexualidade, raça, geração e classe).⁷ Contudo, apesar de sempre contar com jogadoras, torcedoras e dirigentes, a prática das mulheres nos contextos populares ainda foi pouco investigada pelas ciências sociais brasileiras.⁸ Portanto, frente à escassez de narrativas e pesquisas sobre a presença de mulheres na história do futebol nacional,⁹ principalmente no universo da cultura esportiva popular, um olhar direcionado especificamente para o futebol varzeano de mulheres é essencial para compreender um universo heterogêneo de práticas e agenciamentos locais (particulares e criativos) de diferentes contextos e assim aprofundar um aporte teórico e conceitual que, por muito tempo, privilegiou o

⁵ RIBEIRO; SPAGGIARI. *Futebol Popular*.

⁶ DAMO. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política.

⁷ GOELLNER, Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. CAPUCIM E SILVA. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). KESSLER. Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. ALMEIDA. Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. BONFIM. Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*.

⁸ Vale ressaltar que por mais de quatro décadas (1941-1979) o futebol de mulheres foi considerado um esporte desaconselhável, violento e incompatível com a natureza feminina e por essas razões, proibido por lei no Brasil, fato que prejudicou a sua prática e incentivo, além de comprometer o desenvolvimento desse futebol como modalidade competitiva, profissional ou de lazer (GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005; KESSLER, 2015; BONFIM, 2019).

⁹ GOELLNER; KESSLER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.

futebol praticado por homens e só recentemente tem procurado incorporar a prática das mulheres, historicamente silenciadas.

“Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?” Essa pergunta, colocada por um dirigente varzeano da zona norte de São Paulo no início de 2019, antes da realização do festival daquele ano, foi o ponto de partida de um projeto de extensão realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).¹⁰

Com base na lista inicial de 100 equipes vinculadas à Liga Feminina de Futebol Amador, o projeto teve como objetivo, por meio de uma pesquisa coletiva e compartilhada, mapear a distribuição espacial das equipes varzeanas de mulheres da Região Metropolitana de São Paulo e traçar um perfil social da composição dos times mapeados.

Para isso, foi elaborada um percurso de pesquisa construído a partir de metodologias quantitativa e qualitativa, bem como de um modelo participativo – coletivo e compartilhado – desenvolvido em conjunto com pesquisadoras/es, interlocutoras/es e interessadas/os no tema, em um exercício constante de trocas de percepções e reflexões. Nesse sentido, a proposta envolveu, num primeiro momento, um processo de capacitação de pesquisadores/aplicadores (graduandos e pós-graduandos) e representantes da Liga, por meio de debates, formações e rodas de conversa on-line. Tal capacitação subsidiou a elaboração e aplicação de um questionário on-line (organizado na ferramenta Google Forms), bem como para a análise dos dados coletados. Portanto, o projeto contou com a participação de cursistas como formuladores e realizadores da pesquisa.¹¹

¹⁰ O projeto “*Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?*”: *cartografia do futebol varzeano de mulheres em São Paulo (SP)*, proposto pelo professor José Paulo Florenzano e realizado ao longo de 2022 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e coordenado pelas/os autoras/es deste artigo, contou com o auxílio do Plano de Incentivo a Projeto de Extensão (PIPEXT-2022) e foi elaborado com a preocupação de articular ensino, pesquisa e extensão, para assim contribuir com o intercâmbio de conhecimento e práticas entre a Universidade e diferentes setores da sociedade, promovendo ações afirmativas de combate às desigualdades sociais, à discriminação racial e de gênero.

¹¹ Lista de participantes da pesquisa: Aline Vicente dos Santos, Ana Beatriz do Nascimento Oliveira, Anderson Oliveira de Araujo, Beatriz Calheta Silva, Bruna Dantas da Silva, Danilo Abrahão Mekari, Emilia dos Santos Sosa, Erik Rodrigues das Dores, Felipe Rocha Corvino, Giovanna Scandaroli Bulhões Faial, Gisele Matos Chaves, Hellen Guidolin, Juliana Lima de Carvalho Madeira, Juliana Rose Santos Cavalcante, Lucas Ribeiro Paula, Maria Amorim, Maria do Socorro de Sousa Cruz, Maria Luiza Vilella, Ruth Bessa Santana Gasparetto, Sibelle Barbosa da Silva, Sidinéia Chagas, Tais Bichara e Túlio Martins Ribeiro.

O projeto, centrado no futebol varzeano de mulheres, buscou não só reconhecer os protagonismos de mulheres no Brasil e identificar as desigualdades de gênero relativas às mulheres nos esportes, como também mapear, de forma abrangente, o circuito varzeano paulistano vivenciado por mulheres e suas implicações nos espaços de lazer e práticas esportivas populares da metrópole. Essa iniciativa se articula, assim, a um conjunto de propostas mais recentes que têm buscado esquadrihar, com os devidos e tardios aprofundamentos, a heterogeneidade de práticas dissonantes e modos cotidianos de vivenciar o futebol, com um olhar atento para os engajamentos e formas de resistência de pessoas e grupos aos quais a experiência futebolística foi, durante muito tempo, cerceada ou restrita.

Este artigo apresenta as atividades e análises realizadas ao longo do projeto de extensão, que teve como principais objetivos: (1) mapear a distribuição espacial das equipes femininas do circuito varzeano na RMSP, tendo como ponto nodal a Liga Feminina de Futebol Amador; (2) compreender as dinâmicas urbanas de disseminação – conexões, trajetos e redes de relações – dos coletivos populares de mulheres pela cidade; (3) traçar e entender a composição das equipes a partir de alguns marcadores sociais; (4) identificar ações, espaços, equipamentos, práticas, eventos e grupos que ainda se encontram numa posição de invisibilidade quando observados somente por prismas institucionais; (5) descortinar um quadro de agenciamentos, dinâmicas e articulações que permeiam o circuito varzeano de futebol de mulheres enquanto experiência cidadina popular.

Nas seções a seguir, serão descritas as atividades desenvolvidas, que foram divididas em três etapas: a) divulgação e formação da equipe dos pesquisadores/aplicadores (graduandos e pós-graduandos) e de representantes da Liga Feminina de Futebol de Parelheiros; b) realização de sete encontros remotos voltados à capacitação da equipe, elaboração e aplicação do questionário on-line e relatoria de debate com representantes das equipes mapeadas; c) organização dos dados, produção de infográficos e elaboração do mapeamento. Por fim, serão apresentados alguns produtos e desdobramentos do projeto, com destaque para a finalização e distribuição do produto cartográfico impresso com um conjunto de dados da pesquisa quantitativa/qualitativa.

FORMAÇÃO DA EQUIPE DE PESQUISADORES/AS

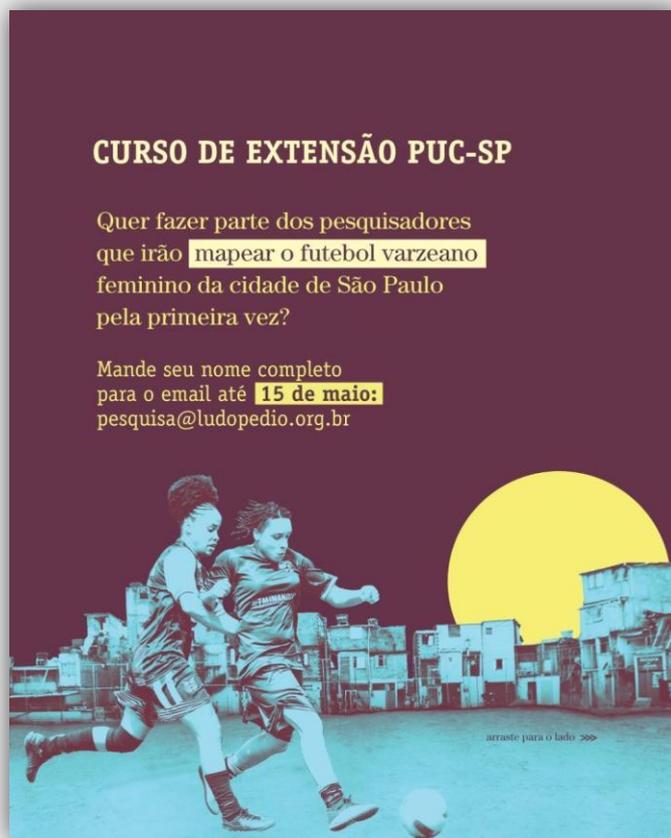


Fig. 1 - Card de divulgação do curso de extensão.

Sendo o projeto concebido para ocorrer de forma colaborativa e dialógica, a equipe coordenadora optou por uma divulgação abrangente, não tecendo quaisquer restrições relativas à área de formação, atuação profissional, envolvimento com o futebol, ou outras especificidades. A intenção era alcançar um “público geral” interessado no tema e contribuir com os objetivos da pesquisa, ou seja, conhecer mais sobre o futebol de mulheres de São Paulo e RMSP. Com tais premissas, a divulgação do curso de extensão ocorreu por via digital, a partir de uma arte-convite (*card*) publicado nas redes sociais e grupos de WhatsApp relacionados à Liga Feminina de Futebol Amador; nas redes sociais da equipe coordenadora; e no sítio eletrônico do portal Ludopédio. Além de contar as possibilidades de

multiplicação a partir de tais eixos, o *card* (Fig. 1) também foi divulgado nos e-mails de estudantes do curso de Ciências Sociais da PUC.¹²



Fig. 2 - Origem das/os pesquisadoras/es participantes de fora do estado de São Paulo.

Dentre as mais de 50 pessoas inscritas, a aplicação da pesquisa contou com 22 participantes envolvidas/os com todas as etapas do projeto. Uma marca desta equipe formada foi a diversidade, seja no âmbito da faixa etária (participantes entre 20 e 50 anos), origem e residência (participantes de dez Estados do Brasil, sendo as/os paulistas em maior número, conforme figuras 2 e 3, abrangendo 12 cidades diferentes), atuação profissional (12 atuações diferentes, destacando-se àquelas relacionadas à gestão e prática do esporte, mídias, educação, cultura e ciências humanas) e intenções com o curso (envolvendo desde motivações de pesquisa, trabalho ou fomento e conhecimento do futebol de mulheres).

¹² A divulgação teve início em 30/04/2022 e, como procedimento para inscrição, a pessoa interessada deveria enviar nome completo para o e-mail de cadastro até 15/05/22. Dez dias antes de completar a quinzena estabelecida para as inscrições, em 06/05/22, a procura pelo curso alcançou a marca de 50 inscritas/os. Foi enviado um e-mail às/aos inscritas/os, confirmando suas respectivas participações no curso, com a data do primeiro encontro em plataforma virtual e indicando algumas informações gerais e links de mini-documentários, de modo a promover uma primeira aproximação das pessoas inscritas ao escopo do projeto.



Fig. 3 - Origem das/os pesquisadoras participantes residentes no estado de São Paulo.

Vale destacar que as informações obtidas a partir do perfil das/os pesquisadoras/es foram tabuladas e apresentadas ao grupo (Figuras de 2 a 4). Tais informações, quando publicizadas, ajudaram a dimensionar a diversidade do coletivo, o que levou a alguns ajustes sutis na mediação dos encontros para potencializar a compreensão do tema por todos e todas. Foram enfocados, por exemplo, as divisões administrativas e regionais da cidade de São Paulo para aqueles que desconheciam tais divisões, bem como alguns termos e especificidades do futebol varzeano paulistano, aos quais nem todas/os as/os participantes estavam familiarizadas/os.



Fig. 4 - Atividades e ocupações das/os pesquisadoras/es participantes.

ENCONTROS REMOTOS: CAPACITAÇÃO, ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

O cronograma de execução do projeto abrangeu um período total de seis meses (entre maio e novembro de 2022), com a realização de sete encontros virtuais. Os encontros quinzenais, realizados pela plataforma virtual *Google Meet*, foram centrais para o desenvolvimento da pesquisa, pois viabilizaram os momentos expositivos propostos pelas/os coordenadoras/es, bem como a elaboração coletiva dos questionários que foram, posteriormente, aplicados junto às/aos representantes das equipes de futebol feminino amador.

Em sentido amplo, tais encontros tiveram caráter formativo, com foco em procedimentos metodológicos qualitativos e quantitativos em ciências humanas, além de apresentarem um panorama sobre a história e contemporaneidade do futebol de várzea de São Paulo e, especificamente, do futebol de várzea de mulheres. Nesse processo, cumpre destacar a presença de varzeanas (praticantes, organizadoras ou entusiastas da modalidade), sobretudo Maria Amorim e Sidnéia Chagas, respectivamente presidente e participante da Liga supracitada, o que potencializou a proposta dialógica do curso com os recorrentes e significativos relatos de suas vivências.

Ainda que tais conteúdos tenham sido abordados em todos os encontros, conformando uma possibilidade de aprendizagem continuada, cada encontro quinzenal teve um enfoque principal. A síntese do projeto e a estruturação do curso foram os temas centrais do *primeiro encontro*, realizado em 19 de maio de 2022. A partir do aporte de um material expositivo (*slides*), a equipe coordenadora situou a concepção, justificativa e objetivos da pesquisa, bem como os procedimentos e o cronograma do curso, após breve apresentação de cada pesquisador/a.

Como a intenção principal dos encontros subsequentes era definir o questionário que seria aplicado com as/os representantes das equipes, foi proposta uma rodada inicial de possíveis perguntas condutoras para contemplar os objetivos de pesquisa, o que suscitou amplo envolvimento e debate das/os pesquisadoras/es. Para contemplar tais levantamentos, foi solicitado às/aos participantes que redigissem as perguntas, de modo a gerar um banco de questões

a ser apresentado no encontro seguinte. Para tanto, foi disponibilizado um link de plataforma virtual de arquivos.



Fig. 5 - Slide do encontro dois para apresentação dos primeiros passos e metodologias da pesquisa.



Fig. 6 - Slide do encontro dois para apresentação das metodologias da pesquisa.

O *segundo encontro*, em 02 de junho de 2022, apresentou: a) a necessidade de planejamento de uma pesquisa (clareza de seu objetivo, formulação de hipóteses, reunião bibliográfica e definição de métodos); b) as estratégias metodológicas definidas para o curso (quantitativo, qualitativo e híbrido, centrada em aplicação de questionário), conforme Figuras 5 e 6; c) as demandas e

problemáticas que envolvem a construção de um questionário (tempo, acessibilidade, linguagem, efetividade, imparcialidade, entre outras formas de relacionamento com o/a entrevistado/a).

A partir de tal exposição, estabeleceu-se um frutífero diálogo sobre possibilidades de pesquisa. Dada a concepção inicial do projeto em interface com as questões enviadas pelos/as cursistas via plataforma virtual, foi definido que a elaboração do questionário se daria em torno de quatro temas principais: a) perguntas sobre a *equipe*; b) perguntas sobre *quem joga*; c) perguntas sobre *onde joga*; e d) perguntas sobre *o/a interlocutor/a*.

Na figura 7, extraída dos *slides* de apoio apresentados às/ aos cursistas, é possível identificar o conjunto inicial de perguntas alinhadas a cada tema, o que seria então acrescido de outras ao término do segundo e terceiro encontros. Esse foi um momento potente do curso, pois as perguntas mais recorrentes enviadas pela plataforma virtual foram expostas e interpretadas, o que foi motivando as/os pesquisadoras/as a novas formulações. Foi solicitado, então, que as novas ideias fossem enviadas via *chat*, viabilizando assim o registro pela equipe coordenadora. Nessa chave, o segundo encontro foi finalizado com a proposição de uma nova rodada de envios de perguntas pelas/os pesquisadoras/as (novamente por plataforma virtual), de modo a alinhá-las aos objetivos, viabilidade e possibilidades da pesquisa.

Seções de Perguntas		Pergunta ABERTA	Pergunta FECHADA
<p>Com base nas sugestões de perguntas enviadas, mapeamos os seguintes TEMAS:</p> 	Sobre o time	<ul style="list-style-type: none"> Qual o nome da equipe? (sem abreviar) Quando foi fundada? (só ano? data completa?) 	<ul style="list-style-type: none"> Tem rede social? () Sim () Não (obrigatória) Se Sim () FB () Insta () Twitter () Site (não obrigatória)
	Sobre quem joga	<ul style="list-style-type: none"> Quanto cada uma paga para jogar? (valor por mês? diária?) Quanto anos tem a jogadora mais nova? E a mais velha? Média de jogadoras ativas? (número fechado ou "entre"?) 	<ul style="list-style-type: none"> Quem joga? () Mulheres () Misto Entre as jogadoras há: () menores de idade, () Mães, () Estudantes, () Trabalhadoras (mais de uma resposta)
	Sobre onde joga	<ul style="list-style-type: none"> Local onde o time mais treina? ----- ----- 	<ul style="list-style-type: none"> Como a maioria das jogadoras se deslocam até o local? () a pé, () transporte público, () Transporte próprio, () aplicativo, () bike (pergunta fechada)
	Quem é o/a interlocutor/ra das respostas	<ul style="list-style-type: none"> Nome completo Qual a sua relação com o time? Idade 	<ul style="list-style-type: none"> () Mulher, () Homem, Outro:-----

Fig. 7 - Slide sobre a formulação das perguntas para o questionário de pesquisa.

O *terceiro encontro*, realizado em 14 de junho de 2022, foi o momento de definição do questionário condutor da pesquisa. Previamente, a equipe coordenadora havia realizado uma apreciação das perguntas enviadas pelas/os cursistas, pela qual foram estabelecidos agrupamentos de perguntas semelhantes/recorrentes, supressões de perguntas cuja aplicação seria inviável e distinções de questões fechadas de resposta única, fechadas de múltipla resposta e abertas. Assim, foi possível apresentar o questionário finalizado, pronto para ser aplicado pelas/os pesquisadoras/as com os representantes das equipes de futebol. Tal apresentação, além de possibilitar uma apreciação geral do grupo, sanando dúvidas, suscitou que cada participante do curso identificasse sua contribuição à metodologia da pesquisa como um todo e elencasse possíveis ausências, mudanças ou acréscimos.

Após esse momento, foi compartilhado um Manual de Aplicação e também foi realizado um teste de aplicação do questionário, de modo a gerar maior familiarização entre aquelas/es que o aplicariam nas semanas subsequentes. O teste foi revelador, trazendo à tona os cuidados necessários às/aos pesquisadoras/es na ocasião da entrevista: o tempo de aplicação, a necessidade de manter o foco nas questões sem deixar de atentar para ideias, assuntos e problemáticas colocadas pela/o entrevistada/o e a necessidade de projetar, a partir do/a representante das equipes, a maior abrangência possível para contemplar as características da equipe em questão, demanda que já havia sido problematizada na elaboração textual das perguntas, mas que se manteve presente ao longo de toda a pesquisa, inclusive nos procedimentos analíticos finais.

Em seguida, a equipe coordenadora distribuiu três contatos telefônicos para cada cursista para aplicação do questionário, todos oriundos dos cadastros da Liga Feminina de Futebol Amador, o ponto de partida da pesquisa. Tais contatos foram enviados por e-mail pessoal para cada participante do curso sendo que, a partir de tal envio, elas/es deveriam aplicar os questionários até o dia 30 de junho de 2022, data do *quarto encontro* virtual do curso. A equipe de cursistas também recebeu uma arte com um 'passo a passo' sobre os itens mais importantes a serem lembrados antes de iniciar a aplicação do questionário (Fig. 8).



Fig. 8 - Arte de "passo a passo" com itens importantes para a aplicação do questionário.

O *quarto encontro* do curso foi o primeiro contato do grupo com os resultados da pesquisa, mesmo que ainda incipientes. Em síntese, teve como enfoque a partilha da experiência de aplicação dos questionários, entre avanços e dificuldades. Iniciou pelo compartilhamento de relatos, por meio dos quais as/os pesquisadoras/es cursistas expuseram o modo como transcorreram as respostas e diálogos com as/os interlocutoras/es dos times. Durante tais partilhas, foi solicitado que levantassem as principais problemáticas identificadas na fluidez da aplicação, que foram sendo registradas e até solucionadas pela equipe coordenadora. Num segundo momento, esta equipe apresentou um panorama inicial do alcance da pesquisa, quantificando os questionários já aplicados de modo a viabilizar um replanejamento dos contatos. Foram criadas pequenas adequações

no questionário, com o cuidado de não prejudicar a totalidade dos dados, em termos comparativos.

Cumpre destacar que, ao término do quarto encontro, a equipe coordenadora situou as/os pesquisadoras/es acerca dos novos contatos (denominados “Traz +1” no projeto inicial).¹³ Tais contatos, obtidos na primeira rodada de aplicação, foram então tabulados pela equipe coordenadora nos dias posteriores ao quarto encontro e enviados aos e-mails pessoais das/os participantes para uma nova rodada de aplicação, juntamente àqueles contatos iniciais que não puderam ser estabelecidos por falta de resposta. Assim, ficou acordado entre o grupo o esforço para cobrir esse novo bloco de contatos e aplicação de todos os questionários até a data do *quinto encontro* virtual do curso, quando as/os participantes se reuniram virtualmente com o objetivo de trazer as devolutivas da segunda rodada de aplicação do questionário.

Já sinalizando os caminhos de encerramento desta etapa da pesquisa, os compartilhamentos dos/as cursistas abrangeram, em linhas gerais, dois eixos: os questionários aplicados, muitas vezes com bastante fluidez e prolongamento, chegaram a ganhar caráter de entrevista, com a inserção do espaço final para explanação das/os interlocutoras/es, a partir dos quais descobertas significativas da pesquisa foram sendo desveladas e/ou enfatizadas; e, por outro lado, os questionários que apresentaram entraves para aplicação, principalmente no âmbito dos contatos em si (ausência de resposta por aplicativo de mensagem e impossibilidade de contato telefônico direto).

Junto à equipe coordenadora, foram realizadas reflexões e intervenções, de modo a compreender tais dificuldades, recorrentes na seara das metodologias qualitativas em ciências humanas, bem como a otimizar o que foi possível de ser levantado. Também foi realizado um breve balanço da metodologia “Traz +1”, em termos de sua efetividade em ampliar o alcance dos dados, para além da lista inicial de contatos da Liga. Importante destacar que, em casos específicos, as/os

¹³ O “Traz +1” foi uma estratégia adotada para permitir a ampliação do recorte de pesquisa para além do conjunto inicial de coletivos participantes do Maior Festival Feminino de Várzea do Mundo realizado no Complexo Esportivo Campo de Marte. Inspirada na estratégia denominada “Bola de Neve”, de Bienarcki e Waldorf, a etapa “Traz+1” permitiu que cada contato indicasse novos contatos e interlocuções. BIENARCKI; WALDORF. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling.

interlocutoras/es trouxeram um novo conjunto de contatos, o que aprofundou a demanda por outra rodada de aplicação de questionários.

Nesse sentido, o *quinto encontro* demarcou a finalização desta etapa de aplicação da pesquisa. Contudo, como ainda havia contatos não contemplados e alguns novos, a equipe coordenadora se comprometeu a realizar um balanço e, novamente, redistribuí-las entre cursistas que se voluntariaram a seguir com as aplicações da pesquisa. Após esse registro, foi definida uma data limite para a aplicação dos questionários restantes, já projetando o *sexto encontro*, em 01 de setembro de 2022, quando as devolutivas da pesquisa como um todo seriam apresentadas.

1	PERGUNTAS	QUANTI	RESPOSTA 1	QUALI	QUANTI	RESPOSTA 2
2	EQUIPES PERTENCENTES A LIGA	70	SIM		15	NÃO
3	Identidade de gênero dos depoentes	57	HOMENS		38	MULHERES
4	Equipes ativas	85	SIM		10	NÃO
5	O time é composto por	3	MISTOS		82	MULHERES
6	Existe um correspondente masculino do mesmo time?	63	SIM		22	NÃO
7	O time tem mais de um quadro feminino (bases, veteranas, time 1 e time 2)?	33	SIM	Equipes apresentam de 2 a 9 equipes diferentes; categorias variadas a partir de Sub 9 a Adulto/livre; Além de futsal e futebol de campo; competição x recreativo	52	NÃO
8	O time possui técnico/a?	57	SIM, HOMEM		26	SIM, MULHER
9	O time tem uniforme próprio?	82	SIM		3	NÃO
10	O time tem cores próprias?	84	SIM		1	NÃO

Fig. 9 - Recorte de planilha de apresentação dos primeiros resultados tabulados.

O encerramento da etapa de aplicação dos questionários, em 09 de agosto de 2022, permitiu dimensionar o alcance da pesquisa, em termos quantitativos, e dar início à etapa de trabalho de gabinete, centrada na equipe coordenadora, que passou a realizar a organização dos dados e traçar os perfis sociais e principais problemáticas enfrentadas pelas equipes varzeanas de mulheres, além de realizar o mapeamento georreferenciado de suas localizações. O *sexto encontro* foi inteiramente dedicado, então, à apresentação desses arquivos que foram produzidos pela equipe coordenadora, a priori em formato de planilhas (Fig. 9) e uma versão preliminar do mapeamento, apenas com a localização das equipes a partir de imagem de satélite (Fig. 10).

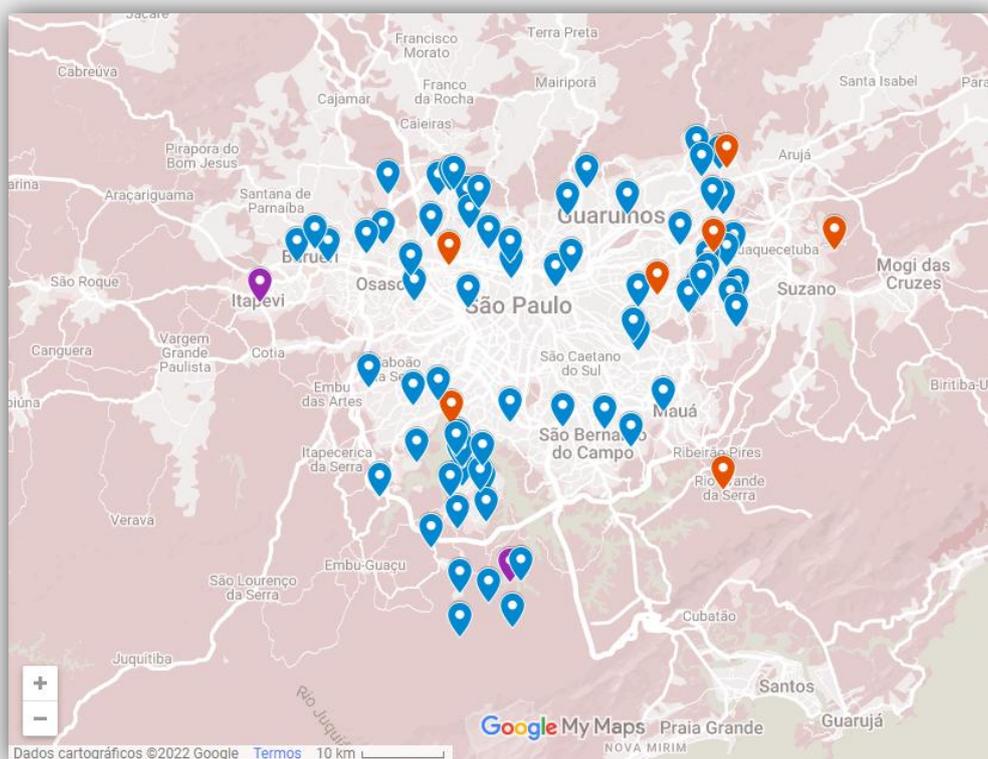


Fig. 10: Versão preliminar do mapeamento (*MyMaps – Google*).

Foi uma exposição dialogada em que as/os participantes foram pontuando os aspectos mais significativos que verificavam frente a abrangência da pesquisa como um todo, articulando tais apontamentos com as etapas anteriores. Em síntese, foi um primeiro momento de autoavaliação do projeto, envolvendo coordenadoras/es e cursistas. Ademais, a equipe destacou que tais dados passariam, ainda, por outra rodada de refinamento, mais voltada aos aspectos estéticos e de diagramação, pois apenas parte das informações da planilha comporia o mapa ilustrado final.

O encontro foi encerrado com o reconhecimento, por todo o grupo, da importância do que foi alcançado pela pesquisa, junto à ênfase das questões mais reveladoras e à articulação destas questões às dinâmicas socioespaciais de São Paulo e Região Metropolitana, principalmente no que concerne à periferização do circuito de futebol de mulheres e às problemáticas que envolvem o território periférico. Assim, esse momento expositivo dialogado começou a tecer as considerações e o embasamento sobre o perfil social da composição dos times mapeados, que era um dos objetivos do projeto. Foram tratadas questões como a

identidade de gênero de depoentes e pessoas que treinam equipes (destacando para a prevalência de homens em ambos), a diversidade étnico-racial das jogadoras, com prevalência de mulheres negras, a necessidade destas mulheres em conciliar demandas de trabalho, cuidados familiares e jogo, as dificuldades de locomoção, os vínculos de bairro, entre outros temas destacados pela figura abaixo, bem como pelos infográficos subsequentes, que serão retomados nas considerações finais deste artigo.

Assim, coordenadoras/es e cursistas se prepararam para apresentarem a pesquisa a um público mais abrangente, no encontro posterior.



Fig. 11: Card convite para encontro final.

No dia 15 de setembro de 2022 ocorreu, então, o *último encontro* virtual do curso, marcado pelo importante momento de compartilhar os resultados da pesquisa com as/os representantes das equipes de futebol que aceitaram participar do projeto. Para viabilizar essa apresentação, cada cursista se comprometeu a enviar um convite (via aplicativo de mensagens e/ou e-mail) às/aos interlocutoras/es com quem aplicou os questionários. Tal cartão-convite (Fig. 11), explicitava os conteúdos e temas que seriam apresentados. Cumpre destacar que, no intervalo entre esses encontros, a equipe coordenadora pôde avançar na curadoria e organização dos dados. O grande diferencial foi a presença

das/os representantes de equipes e outras pessoas interessadas, visto que, como enuncia o cartão-convite, o link para tal encontro poderia ser compartilhado com qualquer pessoa do time que estivesse interessada.

Juntando esse público à equipe coordenadora e às/aos pesquisadoras/es cursistas, o encontro contou com 52 pessoas e foi marcado, num primeiro momento, pela apresentação breve dos dados, seguida de algumas rodadas de perguntas abertas que abordaram diversos temas, não apenas centradas nas tabulações e no mapa, mas envolvendo o projeto como um todo e também as possibilidades de ampliação da pesquisa. Ademais, foi recorrente entre as/os representantes a inclusão de relatos após as perguntas, numa franca exposição de memórias e elementos significativos do cotidiano desses times, além de demarcação das problemáticas que enfrentam. Assim, o terceiro momento seguiu essa tendência, tendo então o diálogo mais centrado nas jogadoras varzeanas presentes, entre elas Maria Amorim e Sidnéia Chagas, que compartilharam informações sobre a Liga Feminina de Futebol Amador e sobre o Festival por ela organizado.¹⁴

ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Para além das demandas de organização contínua de informações e dados entre os encontros remotos de um a cinco, no intervalo entre o 5º e o 6º encontros foi realizada uma organização ampla dos dados para os processos subsequentes de produção de gráficos, infográficos, mapeamento, transcrição de evento final (para fins de elencar falas representativas) e diagramação. Tal etapa das atividades foi realizada pela equipe coordenadora da pesquisa.¹⁵

Ao término da data limite para aplicação dos questionários a pesquisa totalizou números significativos. A partir dos 100 contatos inicialmente disponibilizados pela Liga Feminina de Futebol Amador, os levantamentos indicaram mais 46 times femininos amadores, totalizando *146 equipes*, das quais *95 aceitaram participar da pesquisa*, com representantes dos times respondendo a

¹⁴ Evento no qual seria apresentado o produto final da pesquisa, mas que não ocorreu, conforme será detalhado mais à frente.

¹⁵ Agradecemos a participação da cursista e bolsista de extensão Maria Luiza Vilella, aluna do curso de Ciências Sociais da PUC-SP que realizou a transcrição do encontro final.

um *questionário com 78 perguntas*. Assim, era um conjunto robusto de informações que demandava curadoria e organização para que os encontros seis e sete pudessem ser elucidativos às/aos pesquisadoras/es cursistas, representantes das equipes e varzeanas em geral, além de apresentar os destaques que viriam a compor o mapa ilustrado, o produto final do projeto.

Em síntese, o trabalho da equipe coordenadora nessa etapa da organização foi: a) quantificar as informações oriundas de perguntas de respostas simples (“sim” ou “não”), organizando-as numa tabela única; b) quantificar as perguntas de múltiplas respostas (em que a/o interlocutor/a poderia identificar diversas respostas) para então assinalar as principais recorrências e informações mais reveladoras; c) e, por fim, interpretar as principais questões reveladas por meio das perguntas abertas e trechos de relatos.

Esse processo organizativo se iniciou pelas próprias ferramentas de questionário on-line, avançando a planilhas on-line compartilhadas (Fig. 10), até atingir, em momento final, aplicativos de edição de imagens. Nesse último momento da organização foram elencados os dados mais relevantes para compor o mapa ilustrado final e, então, gerados gráficos, tabelas, figuras e infográficos (Fig. 12).

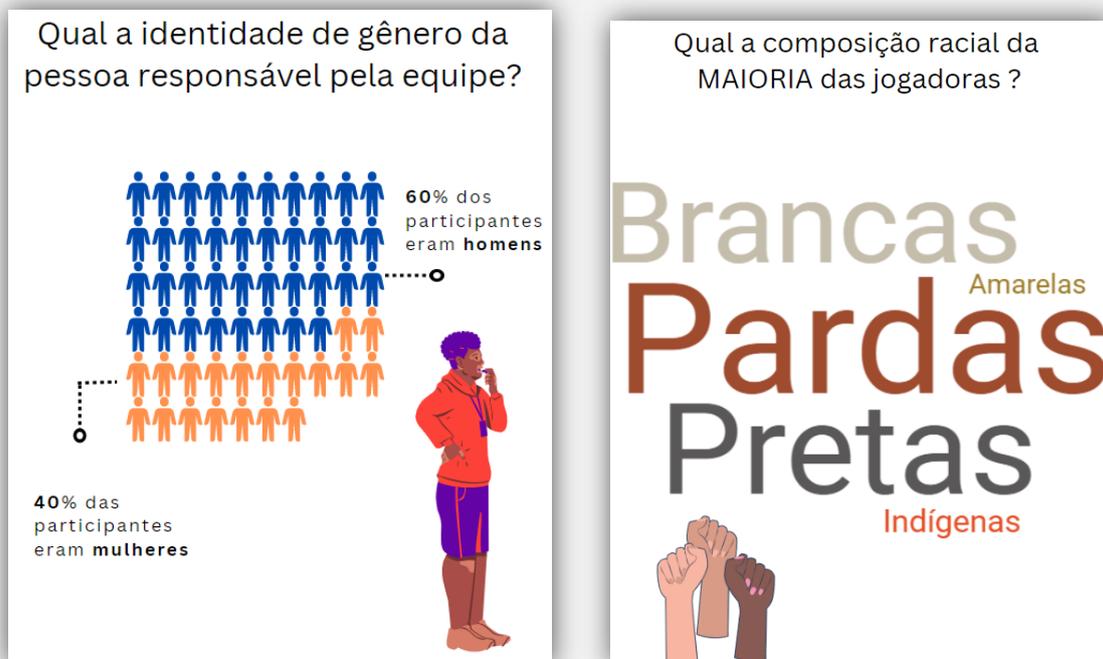


Fig. 12: Exemplos de infográficos gerados.

No período dessa organização de dados e produção de materiais, a equipe coordenadora também elaborou o mapeamento, que partiu dos endereços dos locais de treinos das equipes, compartilhados pelas/os representantes na ocasião de aplicação dos questionários. Os locais de treinos foram tomados como referência para a geração do mapa (e não os locais de jogos, ou sedes), pois foi constatado, via questionários, que eram os locais de maior frequência de encontros semanais das jogadoras. Assim, podem ser considerados como referência territorial, mas cumpre destacar que tais equipes conformam uma rede que envolve os lugares de jogo “dentro e fora de casa”, bem como as sedes e pontos de encontro para as chamadas “resenhas”. Nesse sentido, os pontos elencados no mapeamento demarcam, sobretudo, referências de bairro e região, devendo ser compreendidos enquanto parte de uma rede ampla.

O processo de localização e demarcação dos locais foi realizado a partir do aplicativo *MyMaps* (Google), sendo gerados pontos georreferenciados que foram, posteriormente, sobrepostos em camadas de divisão regional de São Paulo e da Região Metropolitana (RMSP), no *software* Qgiz. Tendo em vista a quantidade numerosa de equipes mapeadas e viabilidade da escala, foram produzidos dois mapas, sendo o primeiro em escala maior, demarcando com pontos e rótulos todas as equipes da capital, distribuídas em divisão regional, e o segundo em escala menor, demarcando com pontos e rótulos somente as equipes localizadas em outros municípios da RMSP.

Os dois mapas produzidos foram diagramados junto ao conjunto de gráficos, infográficos, tabelas e figuras. No produto final, o mapa ilustrado em papel tamanho A3, também foram inseridos trechos de falas obtidas dos questionários e da transcrição do último encontro virtual. A diagramação visou a produção de um mapa impresso, sendo assim contou com as dobraduras, capas e contracapas. A versão impressa (mil unidades) foi distribuída gratuitamente durante evento realizado em novembro no Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP e será entregue a todas as equipes participantes da pesquisa.

Além da divulgação do mapa impresso, o mapeamento foi disponibilizado gratuitamente para download nos meios digitais por meio do site Ludopédio, site especializado em divulgação científica, principalmente no diálogo entre o futebol e

as ciências humanas.¹⁶ O site abrigará, também, as planilhas da pesquisa em sua totalidade, ou seja, contemplando o vasto conjunto de dados que, pelos objetivos de diagramação, não puderam ser acrescidos no mapa ilustrado final, compondo assim um banco de dados para futuras pesquisas.

ETAPA DE CONCLUSÃO DA PESQUISA: CONTROVÉRSIAS E RESISTÊNCIAS

De acordo com o projeto de extensão inicialmente submetido, o produto de pesquisa "mapa", na sua versão diagramada e impressa, seria distribuído gratuitamente durante a edição do Maior Festival Feminino de Várzea do Mundo, no dia 15 de novembro de 2022. A ocasião reuniria grande parte das equipes femininas e varzeanas participantes da pesquisa, bem como toda comunidade pesquisadora e entusiasta do tema. Tal como os anteriores, o evento seria organizado pela Liga Feminina de Futebol Amador de Parelheiros conjuntamente com os dirigentes das agremiações responsáveis pelos seis campos de futebol do Complexo Esportivo do Campo de Marte. A agenda de dia 15 de novembro, um feriado nacional, foi desde o início do projeto compartilhada junto aos/as pesquisadores/as participantes do curso de extensão, no intuito de mobilizá-los com antecedência para que pudessem reservar a data e comparecerem no festival, como uma espécie de conclusão do trabalho de pesquisa. Também seria oportuno o encontro da teoria com prática, uma vez que foram longos meses de aproximação com o tema de maneira remota, e muitos dessas/es pesquisadoras/es participantes não haviam vivenciado o ambiente, ou mesmo presenciado uma partida de futebol varzeano de mulheres.

No entanto, em outubro de 2022, Maria Amorim, liderança da Liga, foi surpreendida com a recusa da participação de um dos campos do Complexo de Marte em aderir ao festival. Curiosamente, esse campo, conhecido como Campo do Aliança da Casa Verde, é o único do Complexo Esportivo gerido por uma mulher. Soraia Marques é uma das raras mulheres varzeanas responsáveis pela gestão de

¹⁶ A seção Biblioteca do Ludopédio reúne e oferece acesso a informações, textos e pesquisas sobre futebol (artigos, teses, dissertações, referências de livros nacionais e internacionais e outros trabalhos) e permite o download de materiais. O acesso ao mapa e compilação de dados também pode ser feito via *QRCode* presente no mapa impresso.

um campo de futebol na cidade de São Paulo. Além de cortar a grama e passar o cal nas marcações do campo, organiza a agenda de jogos do campo, com equipes amadoras de homens e mulheres, e administra o bar do local há mais de uma década. Soraia e, conseqüentemente, as equipes de mulheres se recusaram a participar do Maior Festival de Futebol Feminino do Mundo de 2022 devido às divergências com os dirigentes varzeanos, uma vez que o grupo tem constantemente excluído Soraia das decisões sobre o Complexo, bem como a exposto a situações de vulnerabilidade e violência no local. Constatado esse fato, a Liga Feminina, no desejo de apoiar a luta diária de outras mulheres do futebol, dentro e fora do campo, decidiu não realizar o festival no Complexo Esportivo do Campo de Marte naquela ocasião. De acordo com a Liga, um evento só com mulheres no Complexo, em meio a esse contexto de conflito, só contribuiria com a exclusão e invisibilidade de mulheres que fazem a várzea acontecer todos os dias.

Com o cancelamento do festival, a etapa de conclusão da pesquisa foi remanejada para o evento “Mapeamento do Futebol Feminino Varzeano de São Paulo”,¹⁷ organizado junto ao Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP em novembro de 2022, que contou com a mediação de Aira Bonfim, representando a equipe coordenadora do projeto de extensão, e a participação de Maria Amorim e Sidnéia Chagas, assegurando assim visibilidade ao protagonismo de duas mulheres varzeanas, ambas participantes do projeto como pesquisadoras.

Contando com 30 pessoas inscritas, entre varzeanos e varzeanas convidados pelos representantes de equipes envolvidas na pesquisa, parte dos pesquisadores/as cursistas e público em geral interessado, o evento foi organizado em três momentos. Primeiramente, uma exposição dialogada de Aira Bonfim acerca da pesquisa realizada, com a exposição de *slides* que haviam sido utilizados no curso de modo a sintetizar a pesquisa e, por fim, com a distribuição do mapa ilustrado (produto final) impresso às/aos participantes. Enquanto transcorria a apreciação do material pelos participantes, foi o momento das falas de Maria Amorim e Sidnéia Chagas, compartilhando seus respectivos legados de atividades junto ao futebol amador, com ênfase no Festival, mas abordando também, de modo

¹⁷ Para mais informações, sobre o evento: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br>.

dialógico, outras questões que envolvem as sociabilidades do futebol varzeano de mulheres na Região Metropolitana de São Paulo.

A saída da Liga da organização do Festival também foi debatida na ocasião, inclusive com a presença de Soraia Marques, responsável pela administração de um dos campos do Complexo Esportivo Campo de Marte, o Aliança da Casa Verde, que relatou as problemáticas que envolveram a realização do Festival. Por fim, foi aberto espaço às intervenções e questões apontadas pelas/os demais pesquisadoras/es cursistas e do público participante, já reverberando os conteúdos do mapa ilustrado em consonância com as apresentações. O evento também oportunizou a apresentação dos canais de divulgação da pesquisa, tanto do banco de dados quanto do mapa ilustrado final, em formato digital, além de fomentar e tecer possibilidades de encontros vindouros, visando o compartilhamento do mapa impresso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar e detalhar as atividades, encontros e estratégias metodológicas de um projeto de ensino, pesquisa e extensão que teve como objetivo mapear a distribuição espacial das equipes varzeanas e coletivos de mulheres da Região Metropolitana de São Paulo e traçar um perfil social da composição dos times mapeados. A coleta de dados quantitativa e qualitativa a partir de questionários on-line teve como inspiração um modelo de pesquisa participativo, coletivo e compartilhado, desenvolvido em conjunto com as/os interlocutoras/os do cenário varzeano, estudantes de graduação e pós-graduação e demais pessoas interessadas no tema, por meio de debates, formações e rodas de conversa on-line.

A elaboração de uma cartografia temática e abrangente do circuito varzeano de mulheres identificou um conjunto amplo de agentes, agremiações, equipamentos, coleções e eventos relacionados à cultura esportiva popular, bem como sua distribuição pela metrópole.

O perfil social das equipes se revelou diversificado. Cumpre destacar que 60% das interlocuções (pessoas que, a partir do contato inicial, assumiram uma

posição de representação da equipe), ocorreu com homens, que estão vinculados às equipes de mulheres em diferentes funções, inclusive como treinadores, função que é exercida por homens em 67% das equipes entrevistadas. Das 95 equipes participantes, 81 estavam em atividade no semestre da pesquisa, sendo que apenas 33 apresentam mais de uma categoria (ou seja, prevalecem equipes com apenas um quadro) e 22 possuem uma equipe correspondente masculina (como o caso do Apache FC, supracitado). São times que, majoritariamente, possuem cores, mascote e uniformes próprios, com torcida que acompanha as competições. Em linhas gerais, atuam de uma a três vezes ao longo da semana (considerando jogos e treinos), sendo que 79% das equipes treinam de uma a duas horas em cada encontro, que ocorrem sobretudo aos fins de semana (durante a tarde) e de segunda a sexta (à noite). A maioria das equipes não conta com patrocínios, porém cerca de 51% conta com doações e 43% com contribuições próprias das jogadoras, além de realizarem outras ações para arrecadar dinheiro, especialmente para custear transporte e uniformes, os itens considerados mais caros para se manter uma equipe feminina, segundo as/os interlocutoras/es. As equipes atuam, majoritariamente, nos mesmos locais onde treinam, que são principalmente campos de grama sintética, seguidos por quadras e campos de terra (“terrão”). Embora em 87% das entrevistas esses campos foram considerados seguros, questões de gênero, segurança pública e tráfico foram mencionados como motivos de insegurança.

Sobre as jogadoras, especificamente, destaca-se a faixa etária entre 18 e 30 anos como a mais representativa entre as praticantes, que são, em sua maioria, mulheres negras, trabalhadoras e mães que estudaram até o Ensino Médio, sendo destacável, contudo, o número daquelas que cursam ou já cursaram o Ensino Superior. As/os interlocutores/as afirmaram que 27% das equipes possuem ou já possuíram jogadoras trans, 80% possuem jogadoras que jogam em mais de um time, sendo que 79% delas são ou já foram federadas. Também informaram que elas procuram o futebol, inicialmente, por lazer ou pela socialização relacionada à prática, tendo o transporte público como principal meio para jogar.

A produção, sistematização e análise quali-quantitativa dos dados e depoimentos coletados por meio do questionário e do exercício de escuta permitiram, além de traçar um perfil das jogadoras, dirigentes e demais envolvidas

com o universo varzeano, compreender agenciamentos e negociações relacionados à Liga Feminina de Futebol Amador e às dinâmicas urbanas paulistanas. Sobre tais dinâmicas, a pesquisa revelou que o circuito varzeano de mulheres se potencializou nas periferias, como desdobramento resiliente e contraditório frente à lógica de reprodução do espaço tornado mercadoria nas regiões mais valorizadas da metrópole. Assim, é envolvido pelas problemáticas que a extensão do território periférico segue impondo ao cotidiano das pessoas, como as relações de trabalho, os direitos à moradia, transporte, esporte e cultura. Problemáticas que perpassam a organização das equipes e, em sentido amplo, a realização dos futebolis populares.

Embora o futebol varzeano de mulheres em São Paulo não se resuma ao “Maior Festival Feminino de Várzea do Mundo” organizado pela Liga Feminina de Futebol Amador, percebe-se, a partir da narrativa que abriu este artigo, que a realização do evento é um ponto nodal do circuito varzeano de futebol de mulheres da RMSF. Redes de relações futebolísticas são ampliadas a partir das conexões e trajetos que envolvem a atuação e contatos tecidos pela Liga, que pode ser considerada a principal entidade esportiva feminina e amadora da cidade. Traçar as redes de relações envolvendo múltiplas esferas sociais, aqui interligadas pelas práticas futebolísticas de mulheres, permitiu descortinar um quadro extenso de questões, dinâmicas e articulações que permeiam o circuito varzeano de futebol enquanto experiência cidadã popular.¹⁸

Portanto, ter como ponto de partida a centralidade da Liga na articulação das equipes que participaram das duas edições do festival (2019 e 2021) realizadas no Complexo Esportivo Campo de Marte permitiu não só mapear a distribuição espacial das equipes varzeanas de futebol de mulheres da região metropolitana de São Paulo, como também identificar ações, práticas e grupos que ainda se encontram numa posição de invisibilidade quando observados somente por prismas institucionais.

Para além dos principais objetivos delineados inicialmente – uma inédita cartografia do circuito varzeano de mulheres na RMSF e um perfil social das equipes,

¹⁸ SPAGGIARI. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana*.

jogadoras, dirigentes e demais envolvidas com a prática –, o projeto teve outros desdobramentos ao longo de sua execução que enriqueceram a proposta inicial.

A organização dos dados coletados ao longo da aplicação dos questionários via entrevistas pessoais (por telefone ou chamadas on-line) foi realizada em planilhas compartilhadas com a Liga Feminina de Futebol Feminino e o Museu do Futebol. Além da lista inicial de 100 equipes pertencentes a Liga Feminina de Futebol Amador, a pesquisa catalogou, a partir da estratégia denominada de "Traz +1", outras 46 equipes, totalizando 146 times, e mais de 20 novos contatos a serem conferidos e registrados (para evitar duplicações).

Os resultados e interpretações dos dados coletados foram apresentados aos representantes das equipes participantes da pesquisa e aos inscritos no curso de extensão durante o encontro on-line final do projeto em setembro. Essa devolutiva foi gravada e foi feita uma relatoria, o que permitiu avaliar se as percepções coletadas são realmente compartilhadas pela maioria do grupo com o qual foi realizada a pesquisa.

Por fim, após a finalização e apresentação dos resultados da pesquisa, o cronograma do projeto previa a impressão e distribuição do mapa ilustrado. Como já mencionado, essa partilha ocorreria no Maior Festival de Futebol de Várzea do Mundo, que estava sendo organizado pela Liga Feminina de Futebol Amador ao longo de 2022, mas o evento agendado para o Complexo Esportivo Campo de Marte, conforme mencionado, não ocorreu por problemáticas interpostas por parte dos organizadores deste Complexo. Além da distribuição redirecionada para o evento no SESC, supracitado, há, ainda, a previsão de partilha do material em outras competições e eventos que envolvem o futebol varzeano de São Paulo. Tal como ocorreu em 16 de julho de 2023, quando a Liga Feminina de Futebol Amador organizou a terceira edição do festival e reuniu mais de 80 times e mil jogadoras no Parque Sete Campos, em Cidade Ademar, zona sul da cidade de São Paulo.

Essa profusão de produtos permitiu desvelar um panorama atual – incipiente e tardio – das formas de se viver e jogar futebol de mulheres que se entendem e se definem como “varzeanas”, criando assim diversas formas de pertencimento a agrupamentos e localidades. O conjunto de dados empíricos levantados (sobre bairros de origem, campos de atuação, principais competições, recursos econômicos,

apropriações e deslocamentos urbanos) ajuda a problematizar a estrutura de carências e desigualdades (de gênero, classe e raça) que acompanha o desenvolvimento do futebol de mulheres nos últimos anos no Brasil.

Além disso, essa iniciativa, ao colocar em pauta a reivindicação do espaço público para práticas esportivas populares, apresenta resultados e informações relacionados a outros circuitos futebolísticos observados em contextos citadinos.¹⁹ Nesse sentido, os resultados do projeto podem, para além da contribuição ao campo acadêmico, subsidiar a formulação de políticas públicas mais inclusivas e abrangentes acerca das formas coletivas de apropriação dos espaços urbanos pelas práticas esportivas, inclusive no que se refere à patrimonialização por órgãos e departamentos históricos de proteção.²⁰

Espera-se, portanto, que as experiências aqui descritas estimulem a inferência e reflexão sobre demandas e questões (atuais e futuras) associadas às práticas populares, esportivas e culturais do circuito varzeano paulistano. Mais do que isso, que estimulem a elaboração de novos projetos participativos (coletivos e compartilhados) pelos campos de futebol de outras cidades brasileiras.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BIERNACKI P; WALDORF D. “Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling”. In: **Sociological Methods and Research**, 10, 141-163, 1981.

BONFIM, Aira. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais), Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2019.

¹⁹ DAMO. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política.

²⁰ SANTOS; BONFIM; SPAGGIARI. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo/SP: Reflexões para processos de proteção ao patrimônio.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Mestrado (História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana; CABRAL, Juliana. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que Barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A várzea e a metrópole**: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais. Centro de Pesquisa e Documentação Histórica. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico. **Futebol popular**. São Paulo: Editora Ludopédio (no prelo).

SANTOS, Alberto Luiz dos; BONFIM, Aira; SPAGGIARI, Enrico. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP): Reflexões para processos de proteção ao patrimônio. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 28, p. 122-152, 2022.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: jovens futebolistas na várzea paulistana. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2016.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 7 fev. 2024.